

A painting of a woman with dark hair styled in an updo, wearing a light blue, short-sleeved, floor-length dress with a draped bodice and a full skirt. She is standing in a garden filled with numerous roses in various shades of yellow, white, and pink. The lighting is soft and ethereal, with a bright glow behind her, suggesting a window or a light source. The overall mood is romantic and classic.

Edgar A. Poe

# Berenice

Adaptação  
Renato Massaharu Hassunuma

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

**Título original**

*Berenice*

**Conselho Editorial**

BIOMÉDICA ESP. GABRIELY CRIVARI DE ALMEIDA LIMA

*Especialista em Assistência Dermatológica Especializada pelo Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL)*

BIOMÉDICA M.<sup>a</sup> MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

*Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)*

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos (FACSM)*

**Capa e Design**

Renato Massaharu Hassunuma

**Créditos das Figuras**

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Alanajordan. Ai generated woman ethereal [Internet]. 2023 Nov 7 [Acesso 02 jun 2024].

Disponível em: <https://pixabay.com/illustrations/ai-generated-woman-ethereal-beauty-8369151/>. Figura registrada como: *Royalty-free stock illustration. Free for use & download.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P743b

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849  
Berenice [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e  
adaptação: Renato Massaharu Hassunuma. – 1. ed. – Bauru,  
SP: Canal 6, 2025.  
PDF.

Título original: Berenice.  
ISBN 978-85-7917-682-1

1. Contos de terror – Literatura norte-americana.  
I. Hassunuma, Renato Massaharu. II. Título.

02-2025/114

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos de terror : Literatura norte-americana 813

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

A woman with dark hair styled in an updo, wearing a light blue, short-sleeved, floor-length dress with a draped bodice. She is standing in a field of white and pink roses, looking down at a rose she is holding in her right hand. The background is a soft, hazy landscape with more roses and a bright light source behind her, creating a dreamlike atmosphere.

Edgar A. Poe

# Berenice

ADAPTAÇÃO  
Renato Massaharu Hassunuma  
*Professor Titular do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025  
Bauru, SP

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Biomédica Esp. Gabriely Crivari de Almeida Lima, Biomédica M.<sup>a</sup> Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva*, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradeço o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*

## APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar a leitura desta apresentação, informo a qualquer leitor desavisado que o texto desta apresentação possui alguns *spoilers* do conto. Então, caso ainda não conheça o conto, sugiro ler a história primeiro e depois retornar aqui para essa conversa sobre a obra.

O conto gótico de “**Berenice**” de Edgar Allan Poe talvez não seja tão famoso quanto outras obras do autor como “**O corvo**”, “**O gato preto**” e “**A queda da casa de Usher**”, porém continua sendo alvo de uma série de especulações por parte de pesquisadores e admiradores. Uma delas é a similaridade entre a história do casamento do narrador, Egeu, com a personagem Berenice e a de Poe e sua esposa Virginia Eliza Clemm Poe. Em ambos casamentos, o marido tinha uma diferença de idade com a esposa, além do fato de nos dois casos, ser um enlace entre primos. Outro motivo de discussão, principalmente por parte de fãs góticos do autor, é o clima vampiresco do conto. Embora não exista referência à história de Drácula, sabe-se que Poe era familiarizado com esta obra. A atmosfera vampiresca é observada decorre da narrativa sombria, da obsessão de Egeu pelos dentes de Berenice e da atração erótica do marido pelo cadáver de sua amada.

Antes encerrar, gostaria de mencionar que esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>. Reforço também que esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”. Por fim, desejo uma boa leitura!

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*



Edgar A. Poe

# Berenice

Edgar A. Poe

# Berenice

Várias desgraças podem acontecer na vida de uma pessoa. Algumas podem ser tão vastas quanto um arco-íris que se estende até o horizonte. Mas como posso comparar o desamor com algo tão belo? Penso, muitas vezes, que o mal pode ser uma consequência do bem; que da alegria pode nascer a tristeza; e que de uma boa lembrança pode surgir a agonia.

Meu nome é Egeu. Venho de uma família tradicional. Moramos em uma mansão que possui as torres mais altas da região. Nossa residência se destaca pelos afrescos do salão principal, tapeçarias dos dormitórios, vasto arsenal em nossas muralhas, pinturas antigas de nossa galeria e livros de nossa biblioteca.

As lembranças que tenho da minha infância são todas da biblioteca e dos seus volumes. Foi lá que minha mãe morreu e onde nasci. Devo ter vivido por lá em alguma vida anterior a esta. Você não acredita? Bem, não vamos discutir esse assunto. Não sou obrigado a convencer ninguém daquilo que já estou convencido.

Há lembranças desta vida que não podem ser esquecidas, como aquelas que vagam pela minha mente como uma sombra. Uma sombra que não consigo me libertar enquanto existir o sol de minha razão.

Tenho lembranças antigas da biblioteca, como se tivesse nascido nela. Fui criado nos domínios selvagens do pensamento e da erudição. Permaneci toda minha infância enterrado nos livros e passei toda minha juventude acordado em um sonho. À medida que os anos se passaram, a idade adulta chegou. De forma peculiar, a forma como eu pensava mudou. A realidade me afastava da terra dos sonhos.

Berenice e eu éramos primos. Crescemos juntos na casa dos meus pais, mas com infâncias bastante diferentes. Eu estava sempre doente e enterrado em melancolia, enquanto ela era ágil, graciosa e transbordava energia. A meu modo, eu era um jovem solitário, aprisionado dentro do meu próprio coração machucado e dolorido; enquanto ela vivia de forma livre, sem pensar nas sombras que poderiam atravessar o seu caminho.

Berenice! Mil lembranças tumultuosas vindas das ruínas cinzentas da memória se assustam com o chamado de seu nome. A todo momento vejo sua imagem viva em minha frente como nos primeiros dias de leveza e alegria. Uma beleza linda e fantástica!

Mas então, em um certo dia, tudo se tornou mistério e terror. Aqui começa uma história que não deveria ser contada. Berenice foi acometida por uma doença fatal, que consumiu a sua mente, seus hábitos e seu caráter, e, de uma maneira mais sutil e terrível, a sua identidade!

Que tristeza! A destruição vinha com toda força. Eu já não reconhecia mais a Berenice. Ela sucumbiu a uma série de moléstias e à catalepsia que a mantinha em um transe. E assim, eu também fiquei doente. Algo crescia no interior da minha mente e assumiu um caráter monomaniaco de uma forma devastadora. Creio que eu não possa ser compreendido e nem consiga explicar corretamente a minha enfermidade.

A monomania que desenvolvi fazia com que eu passasse horas olhando um adorno na margem de um livro ou prestando atenção em uma única letra do texto. Permanecia horas distraído. Durante a maior parte de um dia de verão, ficava olhando uma sombra que se projetava sobre o chão e o tapete. Ficava perdido por uma noite inteira observando a chama de uma lâmpada ou as brasas de uma fogueira. Sonhava dias inteiros com o perfume de uma flor. Repetia, monotonamente, alguma palavra comum, até que o som, por força da repetição, deixasse de transmitir qualquer ideia à mente. Esses eram alguns comportamentos comuns e perniciosos que expressavam a minha condição mental, que desafiavam a análise e qualquer explicação médica.

No entanto, não me interpretem de forma errada. Essa a atenção constante, séria e mórbida, focada em objetos comuns, não deve ser confundida o processo reflexivo que ocorre em pessoas de imaginação criativa. Digo isso, porque um sonhador, interessado em um objeto comum, perde a visão desse objeto durante suas reflexões. No meu caso, o objeto original permanecia no centro de minha visão. Além disso, nunca senti prazer durante nestes estados meditativos. Quando um devaneio terminava, tinha a sensação que atingia aquele interesse de forma sobrenatural.

Meus livros, naquela época, se não serviam para evitar que estes estados meditativos ocorressem. Lembro-me de passar semanas lendo diversos volumes da biblioteca.

Para uma pessoa que não me conheça, pode parecer que a infeliz moléstia de Berenice poderia ser também a causa do meu estado meditativo anormal, mas este não é o caso. Nos intervalos de lucidez de minha enfermidade, sentia uma forte dor no meu coração ao ver o estado de Berenice.

Em minha juventude, nos dias em que a beleza de Berenice era mais radiante, eu ainda não a amava. Durante toda minha adolescência, os sentimentos por ela nunca vinham ao meu coração. Até que com o passar do tempo, aos poucos, nas madrugadas cinzentas, nas sombras da floresta durante o dia e no silêncio da biblioteca à noite, Berenice passou a voar por meus olhos como num sonho. Não como uma pessoa, mas como uma abstração da minha mente.

Certo dia, nervoso com sua presença, percebi que já a amava há muito tempo e a pedi em casamento. Nossas núpcias se aproximavam, juntamente ao inverno daquele ano. E em um dia quente, calmo e enevoado, enquanto estava sentado sozinho na biblioteca, Berenice apareceu diante de mim.

Não sabia se aquela figura me parecia tão sombria por ser fruto de minha imaginação, ou por conta da influência da atmosfera nebulosa daquele dia, da escuridão daquele cômodo ou das cortinas cinzentas que caíam em torno dela. Eu não sabia dizer. Ela não falou nenhuma palavra. E eu também não proferi uma sílaba sequer. No silêncio, apenas uma brisa gelada atravessou o quarto.

Uma sensação insuportável impregnava minha alma. Eu a observava por algum tempo, afundada naquela cadeira, sem fôlego e imóvel, com os olhos voltados para dela. Ela já havia emagrecido excessivamente. Meu olhar estava fixo em seu o rosto. Sua testa era alta, serena, muito pálida e parcialmente coberta por cabelos de um amarelo vivo, que formavam inúmeros caracóis sobre as têmporas e que contrastavam com a melancolia reinante de seu semblante.

Seus olhos já não tinham mais vida, nem brilho. As pupilas quase desapareciam e eu fugia involuntariamente de seu olhar vítreo para contemplar seus lábios finos e encolhidos. Eles se separaram e num sorriso de significado peculiar, os dentes da Berenice revelaram-se lentamente à minha vista. Queria a Deus que eu nunca os tivesse visto, ou que, ao fazer isso, eu tivesse morrido!

O barulho de uma porta que se fechou me distraiu. E ao olhar novamente para cima, vi que minha prima havia saído do cômodo. Mas não da minha mente, infelizmente! Ela partiu, mas não se afastou.

O espectro branco e macabro dos dentes ainda permanecia na minha mente. Não havia uma falha em sua superfície, nem uma sombra em seu esmalte, nem uma rachadura nas suas bordas. Aquele momento em que fiquei observando seu sorriso tinha sido suficiente para marcar minha memória. Pensava naqueles dentes mais do que nunca. Os dentes! Os dentes! Eles estavam aqui, ali e em toda parte, visíveis e palpáveis diante de mim. Longos, estreitos e excessivamente brancos, com os lábios pálidos se contorcendo sobre eles.

Foi uma monomania surgiu com toda a sua fúria. Lutei em vão contra sua estranha e irresistível influência, porque eu não tinha mais pensamentos, senão pelos dentes de Berenice. Eu os ansiava com um desejo frenético. Todos os outros assuntos e interesses desapareceram após uma única contemplação. Aqueles dentes estavam presentes em minha mente em todos os momentos. Eles se tornaram a essência dos meus pensamentos. Eram o centro da minha atenção em tudo o que eu fazia. Pesquisei suas características, busquei seus detalhes, avaliei suas conformações. Em minha imaginação, atribuí àqueles dentes um poder invisível, mesmo quando cobertos pelos lábios. Aqueles dentes estavam em todos os meus pensamentos. Eu os desejava loucamente! Senti que tinha que possuí-los para ter paz novamente. Parecia que só eles devolveriam a minha razão.

Eu passava dias vagando em meus pensamentos. Vinha a noite, depois um novo dia amanheceu e mais uma noite chegou. Eu observava as névoas daquela noite, enquanto permanecia sentado imóvel e solitário na biblioteca. Em estado de meditação, eu observava o fantasma dos dentes flutuando em meio às luzes e sombras. Até que um grito de horror me tirou daquele estado contemplativo.

Houve um silêncio e depois o barulho de vozes perturbadas em meio a gemidos de tristeza. Levantei da cadeira, abri a porta da biblioteca e vi uma criada afirmando que Berenice já não existia mais. Ela teve uma crise de epilepsia naquela manhã e havia falecido.

Entrei na biblioteca e fiquei sentado sozinho novamente. Sentia como se estivesse acordado de um sonho. Estava confuso. Enquanto eu estava por lá, os criados providenciaram o enterro e sepultaram Berenice sem a minha presença.

Já era meia-noite e eu sabia que, desde o pôr-do-sol Berenice já havia sido enterrada. Minha memória estava repleta de horrores. De repente, um grito estridente e penetrante da voz de uma mulher chegou aos meus ouvidos. E então eu me perguntei em voz alta:

- O que foi? O que foi que eu fiz?

Mas apenas os ecos daquele lugar me responderam. Havia uma mesa ao meu lado, onde uma vela queimava dentro de uma luminária e perto dela, observei uma caixinha. Eu já havia visto aquela caixa por várias vezes. Ela pertencia ao médico da família, mas não faço ideia de como ela chegou ali. Notei também um livro aberto onde percebi uma frase sublinhada: “Meus amigos me disseram que se eu visitasse o túmulo dela, minhas preocupações seriam um pouco aliviadas”. Naquele momento, senti meu sangue congelar. Observei uma luz fraca surgindo da porta da biblioteca, que se abria lentamente. Um criado, pálido como um cadáver, entrou com um olhar aterrorizado.

Ele falou comigo com uma voz trêmula, rouca e muito baixa. Não conseguia entender o que ele dizia. Compreendia apenas umas frases truncadas. Ele falava sobre um grito selvagem que perturbava o silêncio daquela noite. E então, ele sussurrou que uma sepultura fora violada, e que haviam encontrado um corpo ainda respirando, ainda palpitando, ainda vivo!

Ele me mostrou roupas enlameadas e ensanguentadas. Os tecidos haviam sido cortados com unhas humanas. Não conseguia entender o que ele dizia, quando então ele me apontou uma pá. Gritando, agarrei a caixa sobre a mesa, mas não conseguia abri-la. Derrubei a caixa no chão e de dentro dela, se espalharam, alguns instrumentos de extração dentária e 32 pequenos objetos que pareciam serem feitos de marfim.

FIM



O conto “Berenice”, publicado pela primeira vez em 1835 conta a história do amor obsessivo de Egeu por sua prima Berenice e os horrores que decorrem de seu casamento.